

1ª edição

# ENSAIOS SOBRE RELATIVISMO LINGUÍSTICO

Ariel Von Ocker

ISBN: 978-65-84809-52-9  
2022



1ª edição

# ENSAIOS SOBRE RELATIVISMO LINGUÍSTICO

Ariel Von Ocker

ISBN: 978-65-84809-52-9  
2022



Ariel Von Ocker

# ENSAIOS SOBRE RELATIVISMO LINGUÍSTICO

ISBN 978-65-84809-52-9



Ariel Von Ocker

**ENSAIOS SOBRE RELATIVISMO LINGUÍSTICO**

1.<sup>a</sup> edição

SÃO PAULO  
EDITORA ARCHE  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

O16e Ocker, Ariel Von.  
    Ensaíos sobre relativismo linguístico [livro eletrônico] / Ariel Von  
Ocker. – São Paulo, SP: Arche, 2022.  
    69 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-52-9

1. Relativismo linguístico. 2. Linguagem e línguas – Filosofia.  
2. Linguagem e cultura. I. Título.

CDD 410

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Revista REASE cancelada pela Editora Arche.

São Paulo- SP

Telefone: +55 (11) 94920-0020

<https://periodicorease.pro.br>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

Copyright © dos autores e das autoras.

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença



Creative Commons Internacional (CC BY- NC 4.0).

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

---

*Editora-Chefe* Dra. Patrícia S. Ribeiro

*Revisão* Os autores

*Projeto Gráfico* Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

*Conselho Editorial* Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Faijardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

## **DECLARAÇÃO DOS AUTORES**

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

A Ela, que sempre está comigo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que ajudaram-me na concepção da presente obra; em especial ao prof. Rogério Ferreira, pela oportunidade e orientação durante o estágio.

Agradeço a Mamá, que me estimulou à publicação de semelhante trabalho e ouviu-me pacientemente ao chegar do trabalho.

Agradeço à Uniselva pela bolsa concedida. À sra. Enemar pela companhia e carinho e à profa. Suze Oliveira pela atenção ao longo de cada dia letivo.

Agradeço ao meu querido irmão Rafael pela paciência e por esperar acordado que eu voltasse do trabalho.

Agradeço, por fim, a todas as minhas alunas e a todos os meus alunos, cujo carinho e respeito inspiraram em mim a mais profunda admiração.

## APRESENTAÇÃO

O presente livro é resultado de minha pesquisa desenvolvida durante estágio de docência de Português Língua Estrangeira (PLE), na Universidade Federal de Mato Grosso.

Sem dúvida, os/as/es profissionais da língua que já puderam exercer a docência de sua L1 já digladiaram-se em alguma medida com determinados problemas inerentes a semelhante prática. Diante do que eu experienciei, o que explicitou-se para mim como maior riqueza e, ao mesmo tempo, maior limitação dentro do agir docente foi precisamente o fato de que meu alunado e eu não compartilhávamos da mesma concepção de mundo.

Nesse sentido, muito mais do que dilemas linguísticos, o que se apresenta em uma sala de PLE é uma série de (des)encontros de realidades simbólicas absolutamente distintas. A docente, pois, nesse ínterim, se encontra diante de múltiplos desafios. Ora, nos deparamos com a necessidade de ensinar a língua baseada em seu uso real, pois é com tal realidade que cada estudante se

encontrará na vida real. Ora, surgem questões intrínsecas às culturas de onde emergem as pessoas estrangeiras.

Assim, pois, me detive ao longo de minhas pesquisas sobre o problema do Relativismo Linguístico, enquanto, na minha própria realidade, eu o vivenciava. Meu texto, destarte, apresenta o *recorrido* investigativo que fiz partindo de um trabalho baseado no sistema linguístico *per se* para chegar a um raciocínio mais abstrato acerca das línguas em questão.

Reconheço, sabendo dos limites de minhas possibilidades, que semelhante livro não esgota os temas com os quais se propõe trabalhar. Sem embargo, saliento também que é mister que se comece de alguma parte. Tendo em vista, pois, que ambas as áreas sobre as quais escrevo; a saber: o Relativismo Linguístico e o ensino de PLE são campos pouco estudados no Brasil, parece-me que a presente contribuição possui seu valor.

Em suma, tenho, por isso, o objetivo de apresentar, na presente obra, algumas reflexões preliminares acerca na área da linguística; sobretudo, nas áreas de concentração de Descrição e Análise de Línguas Modernas, Linguística

Aplicada e Filosofia da Linguagem. Almejo que tais reflexões e estudos possam, em alguma medida, oferecer subsídios e estímulos a quem interesse o tema em questão.

Ariel Von Ocker

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 01: POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: A EPÊNTESE VOCÁLICA E O ENSINO DE PLE.....	15
CAPÍTULO 02: AINCIDÊNCIA DO PREFIXO DE NEGAÇÃO EM LÍNGUAS ROMANCES E GERMÂNICAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA.....	27
CAPÍTULO 03: PALAVRAS SEM TRADUÇÃO DIRETA: EVIDÊNCIAS DO RELATIVISMO LINGUÍSTICO EM TRÊS LÍNGUAS MODERNAS .....	44
ÍNDICE REMISSIVO.....	62

## CAPÍTULO 1

# **POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: A EPÊNTESE VOCÁLICA E O ENSINO DE PLE**

Ariel Von Ocker

## RESUMO

O presente ensaio analisa a necessidade do uso de conhecimentos descritivos do português brasileiro no contexto do ensino de PLE. Nosso recorte se foca no fenômeno da epêntese vocálica e seus cenários de ocorrência. A metodologia empregada foi a revisão de literatura. Foram apresentados os diversos cenários propícios à inserção vocálica e a importância da devida apropriação das regras subjacentes que norteiam semelhante ocorrência. Do mesmo modo, concluímos que a epêntese, enquanto fator histórico que distanciamento linguístico, representa um ponto de distinção entre as línguas ibéricas que assina um traço peculiar do português falado no Brasil.

**Palavras-Chave:** Epêntese Vocálica. Ensino de PLE. Cenários de Ocorrência.

## INTRODUÇÃO

Diante da primeira observação, o ensino de uma língua se mostra um desafio notável. Muitas das nuances que compõem o complexo mecanismo linguístico se apresentam em sala de aula e abordar pedagogicamente esse fator implica um grande conhecimento –não só de uso- da língua ensinada. No entanto, quando pensamos no ensino de português como língua estrangeira (doravante PLE), esse cenário ganha novos contornos.

Primeiramente, numa aula de língua estrangeira como espanhol ou inglês dada por uma pessoa professora brasileira a um público brasileiro temos o fator comum da primeira língua. Ou seja: todos<sup>1</sup> ali falam português. Assim, a comunicação é facilitada mediante a possibilidade de sempre recorrermos à língua mãe. Além disso, esse tipo de classe costuma acontecer em um cenário de aprendizado fora do país falante da L2. Portanto, a imersão no idioma tem um grau menos intenso.

Somado ao ponto anterior, temos um outro aspecto, a saber: a pessoa docente de L2 poucas vezes é nativa do idioma que ensina, o

---

<sup>1</sup> Emprego aqui voluntariamente a variante inclusiva do pronome no objetivo de explicitar a pluralidade de sujeitos e possibilidades de ser com a qual interagimos.

que oferece o recurso pedagógico de docente e discente experimentarem os mesmos estranhamentos diante do idioma em questão. Assim, quem ensina não só tem um canal aberto de comunicação com quem aprende, como compreende alguns dos cenários mais propícios ao equívoco ou à incompreensão.

Sem embargo, em uma aula de PLE quase nenhum desses elementos é verificado. A começar pela pluralidade do público: podemos perceber que, ainda que a pessoa docente tenha uma ampla proficiência em diversas línguas, as combinações possíveis de origens para o público discente desafiam qualquer faculdade humana de aprendizado. Afinal, em dois anos de aula, uma mesma pessoa professora pode se deparar com turmas de origens e L1 absolutamente diferentes.

Evidentemente, as combinações das origens do público estudante não são caóticas, visto que fatores geopolíticos, econômicos e culturais influenciam sobremaneira as migrações que trazem à classe de língua os sujeitos estrangeiros. No entanto, a influência não pode ser tomada como única medida para análise, uma vez que as possibilidades combinatórias de diferentes indivíduos desafiam a compreensão. Assim, é em vão que se pense em um curso de PLE especificamente para um público sem termos absoluta confirmação de que serão para esses sujeitos a quem nos dirigiremos.

Fora isso, também experimentamos –nós, docentes de PLE- um segundo fenômeno que se opõe ao ensino de outras línguas estrangeiras em solo brasileiro. Trata-se do fato de que ensinar português a um sujeito de outra cultura e idioma quase sempre está atrelado a ensiná-lo(a,e) sobre algo que o rodeia. Por isso, não podemos considerar o processo como um fazer intelectual de preenchimento de léxicos e regras a construir uma base operacional do idioma. Pelo contrário, nesse caso, o ensino está atrelado ao mister de oferecer subsídios àquele sujeito para se apropriar dos signos socialmente compartilhados no mundo social que o rodeia.

Enfim, também nos deparamos com a questão da pluralidade de variantes do português brasileiro (PB), diante do que costuma ser necessária a eleição de uma dessas variantes dentro do arquipélago linguístico assim nomeado. Isso, na realidade, ratifica a importância de uma ampliação dos estudos na área em questão e, ao mesmo tempo, na implementação de métodos de ensino calcados na língua como é falada no cotidiano de seus usuários.

## **A NECESSIDADE DE UM DIÁLOGO ENTRE A LINGUÍSTICA E O ENSINO**

O PB, como afirmo acima, não pode ser entendido como uma única língua, estanque, uniforme ou unidimensional. A realidade prova o contrário. Nesse sentido, o discente de PLE necessariamente

se deparará com muitos fenômenos, à primeira vista, incompreensíveis. Nesse lugar, é fundamental que o/a/e professor (a,e) de língua tenha formação linguística suficiente para não somente apresentar a L2, mas também explicar os motivos e cenários de ocorrência de determinados fenômenos próprios àquele sistema.

Evidentemente, tratando-se de PB, há uma carga significativa de objetos de estudo que demandam observação e cujo estudo futuro pode oferecer significativos avanços tanto na linguística em seu viés teórico quanto aplicado. Nesse ínterim, nos detemos no presente trabalho sobre o fenômeno da epêntese vocálica e sua importância no processo de ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira.

## **DESCRIÇÃO DO FENÔMENO E CENÁRIOS DE OCORRÊNCIA**

Silva e Silva (2012, p. 01) apresentam a temática da epêntese como:

Um fenômeno que ocorre na fala a partir da inserção de uma vogal entre as consoantes. Esse fenômeno não possui representatividade na escrita, o que acarreta na produção de letras mudas. Entretanto, como o português é uma língua com padrão vocálico para as sílabas, não é permitida a construção de sílabas consonantais havendo por isso a necessidade da inserção da vogal epentética.

Nesse sentido, a discussão que verse sobre semelhante temática implica que, subjacente à primeira, haja uma compreensão de que diversos desvios de pronúncia –que contribuem para a

desnaturalização da fala da pessoa estrangeira- são produto do desconhecimento do sistema silábico da língua em questão. Portanto, é mister que sejam trabalhadas as estruturas norteadoras do PB nas classes de PLE, uma vez que a apreensão gerativa das normas imanentes no sistema linguístico não ocorre do mesmo modo para os falantes já apropriados de uma L1. Ou seja, o aprendizado de língua ocorre de modo diferente quando em se tratando de L2 simplesmente porque o/a/e discente já possui determinadas estruturas internalizadas em seu conhecimento linguístico.

A partir desse ponto, Nascimento *apud* Collischon (2016, p. 40) destacam um conhecimento fundamental a ser trabalhado: os moldes silábicos do PB.

<b>Molde Silábico</b>	<b>Exemplo</b>
V	<u>a</u>
VC	<u>as</u>
VCC	<u>instantâneo</u>
CV	<u>astro</u>
CVC	<u>pasta</u>
CVCC	<u>rins</u>
CCV	<u>prato</u>
CCVC	<u>crystal</u>
CCVCC	<u>transplante</u>
VV	<u>oito</u>
CVV	<u>leite</u>
CVVC	<u>dois</u>
CCVV	<u>trio</u>
CCVVC	<u>claustrofobia</u>

Os referidos modelos se mostram de grande utilidade não apenas enquanto ferramenta de pesquisa, como também enquanto

um elemento pedagógico de apresentação sistemática das regras que estruturam o funcionamento da língua.

Entrementes, compreender os padrões silábicos emergentes no idioma oferece também uma base para previsão dos momentos de ocorrência (ou não) das epênteses vocálicas no português contemporâneo.

Em relação aos cenários de ocorrência do fenômeno, Nascimento *apud* Cagliari (2016, p. 44) estabelece alguns elementos fundamentais para trabalharmos didaticamente a ocorrência das inserções vocálicas, como se pode observar no quadro abaixo:

Consoante na coda	Consoante no onset	Exemplos
b +	p, t, d, k, m, n, s, z, x, ʒ, v, l	subparte, subtenente, abdução, subconsciente, submersão, abnegar, subseção, subsistência, subchefe, objeto, óbvio, oblíquo
p +	t, s	apto, psicólogo
d +	m, v, ʒ	administrador, advérbio, adjunto
t +	m	atmosfera
k +	t, s, n	pacto, taxi, acne
g +	m, n	magnésio, agnóstico
m +	n	amnésia
f +	t	afta

## O ENSINO DE PLE E A BUSCA PELA PRONÚNCIA NATURAL

A partir de uma análise comparativa –algo do qual não possível que o/a/e docente se desvencilhe em sala de aula– é possível percebermos que o fenômeno da epêntese pode ser analisado também por uma perspectiva evolutiva. Isto é, como assinalam

Amariz e Alcântara (2013), as inserções de fonemas em estruturas morfofonológicas historicamente significaram um fator de mudança diacrônica nas formas lexicais influenciadas por tal fenômeno. Assim sendo, por vezes, as próprias similitudes evolutivas podem ser um fator de influência no momento da busca pela pronúncia adequada. Por exemplo, as palavras: *cangrejo* e *caranguejo* possuem uma origem comum, assim como *ofrecer* e *oferecer*.

Todavia, a proeminência da língua castelhana em relação à portuguesa costuma promover com que o primeiro contato do público estrangeiro com as línguas ibéricas ocorra com o espanhol. Por um viés, isso permite ao discente se familiarizar com as estruturas particulares de tal ramo evolutivo. Contudo, essa mesma familiaridade pode vir a obstaculizar que o alunado se aproprie corretamente das formas próprias do PB.

Nesse sentido, é de suma importância que o ensino de PLE parta de uma abordagem pragmática e descritiva da língua usada pelos nativos do Brasil. Mais especificamente, do dialeto falado na comunidade em que o sujeito estrangeiro está inserido, uma vez que há relativa urgência pelo reconhecimento dos códigos ali compartilhados.

Novamente, por isso, reafirmamos a importância da apropriação de fenômenos peculiares àquela língua para o melhoramento do ensino. Com efeito, a epêntese vocálica, conforme

assinala Azevedo (2016), é praticada de modos distintos, por exemplo em uma comparação entre o português brasileiro e o português europeu: fato esse que salienta a urgência da reflexão no que toca o ensino de PLE a partir de uma observação calcada no contexto de produção dos enunciados que cercam o alunado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente ensaio, objetivamos apresentar algumas das problemáticas que envolvem o ensino de português enquanto língua estrangeira. Descrevemos elementos que constituem sua idiossincrasia e, a partir deles, propusemos um ensino baseado na utilização prática do idioma. Para tanto, selecionamos um fenômeno particular: a epêntese vocálica e como essa ocorre no PB.

Ao longo da análise não buscamos nos aprofundar nos motivos que possibilitam a emergência de vogais epentéticas em padrões silábicos específicos. Por outro lado, procuramos apresentar alguns dos cenários nos quais é proeminente tal fenômeno.

Ao cabo de nossa análise, pontuamos também que a epêntese vocálica constituiu um lugar de distinção lexical entre línguas ibéricas, por exemplo, em comparação com a língua castelhana. Isso, associado ao fato de que o espanhol configura um idioma com maior visibilidade extraterritorial que o português, influencia na pronuncia e reconhecimento dos traços tipicamente brasileiros da língua portuguesa.

Por fim, salientamos que o estudo aqui apresentado é um recorte estreito de um campo de trabalhos que ainda demanda uma carga de estudos ampla. Nesse sentido, ratificamos a importância de um conhecimento linguístico fundamentado na língua enquanto o

que ela é (sincrônica e diacronicamente falando). Ou seja, é mister que o ensino de PLE esteja em diálogo com o uso prático que os falantes operam de seu idioma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARIZ, C de M. & ALCÂNTARA, C da C. ANÁLISE DIACRÔNICA DOS FENÔMENOS DE METÁTESE E EPÊNTESE À LUZ DA TEORIA AUTOSSEGMENTAL. **XVII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

AZEVEDO, R. Q. **FORMALIZAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DA INTERAÇÃO DE RESTRIÇÕES NA PRODUÇÃO E NA PERCEPÇÃO DA EPÊNTESE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU**. Universidade Católica de Pelotas. Tese de doutorado. Pelotas, 2016.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 185f. Tese de livre docência. UNICAMP, Campinas, 1981.

SILVA, C. C. da & SILVA, A. P. da. **EPÊNTESE VOCÁLICA NA ESCRITA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em:

[http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume\\_2\\_artigo\\_072.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_072.pdf). Acesso em: 04 de out. de 2022.

NASCIMENTO, K. R. S. do. **EMERGENCIAL DE PADRÕES SILÁBICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SEUS REFLEXOS NO INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA**. Tese de Doutorado. UEC, Fortaleza, 2016.

## CAPÍTULO 2

# A INCIDÊNCIA DO PREFIXO DE NEGAÇÃO EM LÍNGUAS ROMANCES E GERMÂNICAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Ariel Von Ocker

## RESUMO

O presente ensaio analisa as estruturas de negação prefixal entre línguas romances e germânicas a partir de uma base comparativa. Realizamos, para tanto, a coleta e análise de um *corpus* específico. Observamos que as estruturas linguísticas não são uniformes e que a pluralidade de sentidos por isso provocados é gigantesca: o que salienta a necessidade de maiores pesquisas nesse ramo.

**Palavras-Chave:** Relativismo Linguístico. Morfologia. Semântica. Prefixos de Negação.

## INTRODUÇÃO

As similitudes e diferenças entre línguas de distintos ramos evolutivo é evidente ao primeiro contato, seja, por vezes, a nível fonológico, sintático, morfológico ou semântico. Não obstante, a mera constatação da descontinuidade entre os sistemas é insuficiente para facultar ao pesquisador uma compreensão verdadeiramente ampla e significativa acerca dos objetos de estudo. Por essa razão, uma análise crítica e comparativa entre ramos distantes –e além da mera descrição- urge ser realizada.

Diante das pesquisas que antecederam a escrita do presente trabalho, foi constatada uma significativa falta de arcabouço teórico contemporâneo para com o investimento que objetivamos realizar. A maior parte das pesquisas encontradas se limitam a uma análise binária, que opõe duas línguas para análise. Essa abordagem não é propriamente ruim, mas limitada a uma perspectiva; inclusive porquê os pares em oposição costumam ser da mesma família, como é o caso de SCHWINDT (2004), que propõe um diálogo entre o português brasileiro e o espanhol peninsular.

Sem embargo, nossa pesquisa se insere aqui. Para seu desenvolvimento, realizamos um levantamento de um *corpus* lexical proveniente de línguas romances (português, espanhol, italiano, francês e romeno) e de línguas germânicas (inglês, holandês, sueco

e alemão). Em seguida, nos propusemos a analisar, nesse conjunto de palavras, a ocorrência ou ausência de prefixos de negação na construção dos sentidos inerentes a cada palavra. Para tanto, partimos de uma base lusófona e buscamos as correspondências de tal léxico no acervo de palavras levantado.

Evidentemente, ao cabo de semelhante exercício, constatamos a não-correspondência entre os sistemas. Desse modo, determinados termos –como se pode ver mais adiante– não só não se podem traduzir de uma língua para outra, dada a descontinuidade semântica, como, também, não são elaborados, dentro do seu próprio sistema, da mesma maneira.

Assim sendo, pudemos perceber que as construções semânticas de um idioma estão intimamente relacionadas à sua composição estrutural. O exemplo mais claro disso é o termo *scorn* (desprezo), cuja forma morfológica não tem nenhuma relação com *appreciate* (apreço). Ao mesmo tempo, contudo, a forma portuguesa (des)gosto evidencia a relação de oposição semântica entre os termos e os aproxima morfológicamente.

## 2.A INERÊNCIA LÍNGUA-PENSAMENTO

ZAVAGLIA e MARTINS (2016), em seu trabalho intitulado SIMETRIAS E ASSIMETRIAS NA REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA: O CASO DAS UNIDADES LEXICAIS FORMADAS POR NOMES DE CORES reafirmam que a relação intrínseca entre léxico e cultura é um dos principais elementos que evidenciam a complexidade própria dos estudos desse ramo.

Com efeito, uma abordagem linguística de descrição e análise de *corpus* já encontra, por si mesma, dificuldades em sua execução. No entanto, se acrescido a este labor, agregamos o fator cultural e semântico intrínseco à carga lexical em questão, chegamos a um patamar de ainda mais ampla dimensão. Isso porquê a análise vinculada estritamente ao sistema linguístico não é suficiente para suplantar todas as nuances subjetivas de um idioma.

Nesse sentido, podemos nos arriscar a sugerir que, não apenas a estrutura da língua da qual o sujeito se apropria determina sua maneira de pensar, mas também que o aparato cultural de uma sociedade com suas respectivas idiossincrasias atua diretamente sobre o idioma ali falado.

DEMICHELLI SAMPAIO (2018, p. 230), por exemplo, salienta que:

Lévi-Strauss, em 'O sexo dos astros', texto publicado na obra Antropologia estrutural dois, de 1973, apresenta interessantes resultados de um trabalho etnográfico sobre a marcação de gênero atribuída aos astros em línguas ágrafas de diferentes povos americanos. De acordo com o antropólogo, essas sociedades recorriam às narrativas dos mitos e, muitas vezes, pautavam-se em relações de parentesco para definir se os termos "sol" e "lua" seriam masculinos ou femininos.

Descobriu-se, com essa pesquisa, além das divergências relacionadas ao gênero, que a oposição entre os dois elementos nem sempre se exprimia apenas em termos de masculino/feminino, mas muitas vezes levava em consideração outros fatores, como luminosidade, calor e até a ideia de racionalidade

Em outras palavras, essa descoberta traduz a ideia de *Relativismo Linguístico*, que, segundo RODRÍGUEZ (2007, p. 02-03):

[...] é uma variedade moderna do relativismo cognitivo: a verdade é criada pela gramática e pela semântica de uma determinada língua. Esta idéia tem sua origem filosófica em Ludwig Wittgenstein, mas adquire independência na Linguística com a teoria de Benjamin Lee Whorf. Segundo ele, o mundo não tem estrutura própria; a estrutura é imposta pela linguagem. A aprendizagem de outra língua significa criar 3  
Ross, Kelley L. (home page): 1996. um mundo novo, onde tudo é completamente diferente. Para Wittgenstein, as regras de uma determinada língua eram um "jogo" que se joga quando se fala.

Enquanto ‘jogamos’, praticamos alguma ‘forma de vida’

A partir desses pressupostos teóricos, também outros trabalhos têm sido desenvolvidos, como o de FERREIRA (2003), no qual o autor parte da morfofonologia da língua Matis para a sintaxe e à semântica. Na última seção do artigo, o professor elenca as divisões das classes de nome na língua em questão, que, por sua vez, se ordenam segundo aspetos particulares aos seres que nomeiam. Outrossim, o idioma delimita cinco classes: abstrato, animado, temporal, humano e concreto. Esse estudo é pertinente, pois ratifica o mote da relatividade dos sistemas linguísticos e, ao mesmo tempo, confronta determinados paradigmas da linguística saussuriana, que trabalha com a ideia de arbitrariedade da língua (SAUSSURE, 1995). Ou seja, a arbitrariedade em questão não é de todo comprovável, pois há um sentido evidente para que termos como *papi* (rapaz) pertençam à classe de substantivos humanos em Matis.

## **2.1 A ocorrência do prefixo IN-**

Nesse primeiro tópico, analisamos a ocorrência do prefixo /in-/. No primeiro quadro, elencamos sua presença dentro do ramo romance e, no segundo quadro, dentro do ramo germânico.

## QUADRO I

IDIOMA	Português Brasileiro	Espanhol	Francês	Italiano	Romeno
01	Impossível	Imposible	Impossibl e	Impossile	Imposibil
02	Infeliz	Infeliz	Malherea ux	Infelice	Nefericit
03	Ilegal	Ilegal	Illégal	Illegale	Ilegal
04	Impróprio	Impróprio	Inapprop rié	Improprio	Improprii
05	Incapaz	Incapaz	Incapable	Incapace	Incapabil
06	Ilegível	Ilegible	Ilisible	Illegibile	Ilizibil
07	Imperfeito	Imperfecto	Imparfait	Imperfetto	Imperfect
08	Insatisfeito	Insatisfech o	Méconten t	Insoddisfa tto	Nemultsumi t
09	Ímprobo	Ímprobo	Impie	Improbo/i ngiusto	Nedrept
10	Inocente	Inocente	Innocent	Innocente	Nevinovat

Dentro do cenário acima, não houveram grandes variações. Por outro lado, a estrutura prefixal se mostrou produtiva em termos de alomorfia. Foram percebidas, destarte, as formas: /in-/, /im-/, /i-/, /mé-/, /mal-/ e /ne-/.

## QUADRO II

IDIOMA	Português Brasileiro	Alemão Padrão	Inglês (UK)	Holandês	Sueco
01	Impossível	unmöglich	Impossible	Onmogelijk	omöjlig
02	Infeliz	unzufrieden	Unhappy	Ongelukkig	olycklig
03	Ilegal	illegal	Illegal	Illegaal	olaglig
04	Impróprio	unangemessen	Improper	Ongepast	felaktig
05	Incapaz	unfähig	Unable	Onbekwaan	oförmögen
06	Ilegível	unlesbar	Unreadable	Onleesbare	oläslig
07	Imperfeito	unvollkommen	Imperfect	Onvolmaakt	ofullständig
08	Insatisfeito	unzufrieden	Unsatisfied	Ontevreden	missnöjd
09	Improbo	ungerecht	Unjust	Ontzagwekkend	orättfärdig
10	Inocente	unschuldig	Innocent	Onschuldig	oskyldig

Dentro do segundo quadro, também pudemos perceber uma relativa estabilidade na estrutura da negação. Não obstante, o prefixo também revelou possuir os seguintes alomorfes: /un-/ , /i-/ , /im-/ , /in-/ , /on-/ e /o-/.

Ao cabo do comparativo entre línguas neolatinas e germânicas modernas, se pode perceber a familiaridade das estruturas linguísticas presentes nas primeiras entre si e sua diferenciação com os troncos germanos. Por outro viés, foi possível observar também a familiaridade com a qual as línguas do segundo grupo estruturam a forma negativa entre si. Isso ratifica a aproximação evolutiva das primeiras.

## 2.2 A ocorrência do prefixo DES-

Dando prosseguimento ao trabalho, nos detivemos sobre a ocorrência do prefixo /des-/. Seguimos a mesma métrica do tópico anterior elencamos abaixo, respectivamente, o léxico recolhido das línguas romances e, logo abaixo, o das línguas germânicas. Para SANTOS (2016, p. 143), o prefixo em questão apresenta os seguintes sentidos: “ separação/afastamento, diminuição, progressão, negação, descensão, reforço/intensidade (ou) intensidade/iteração”.

**QUADRO III**

IDIOMA	Português Brasileiro	Espanhol	Francês	Italiano	Romeno
01	Desfazer	Deshacer	Défaire	Disfare	Anula
02	Desmatamento	Deforestación	Déforestation	Deforestazio ne	Logare
03	Desgosto	Disgusto	Dégoût	Disgusto	Întristare

04	Desmerecer	Desmerecer	Discréditer	---	Slăbit
05	Despretensioso	---	---	---	Modest
06	Desmedido	Desmediado	Démesuré	Smisurato	Nemăsurată
07	Descomedido	Descomedido	---	---	Dezordonat
08	Desprezo	Despreçio	Mépris	Disprezzo	Dispreț
09	Desaprender	Desaprender	Désapprendre	Disimpare	Desinvată
10	Desarrumar	Desarreglar	---	---	A greși

Diferentemente do prefixo /in-/ , o /des-/ evidenciou uma pluralidade de formas alternativas na construção da negação. Esse prefixo se apresentou limitado dentro do conjunto eleito para esse artigo. Dessa forma, determinados motes surgiram restritos ao subramo das línguas ibéricas mais aparentadas e distanciaram-se das linhas itálicas.

Mais adiante, o próprio romeno também se destacou como detentor de fórmulas linguísticas muito distintas dos outros idiomas em questão. Ao contrário de valer-se da prefixação para construir o sentido negativo pela estrutura X e Não-X, o idioma se vale de

outros léxicos não aparentados morfológicamente para exprimir a carga semântica.

#### QUADRO IV

IDIOMA	Português Brasileiro	Alemão Padrão	Inglês (UK)	Holandês	Sueco
01	Desfazer	Rückgängig machen	Undo	Ongedaan maken	Ångra
02	Desmatamento	Protokollierung	Deforestation	Ontbossing	Skogsavverkning
03	Desgosto	Herzschmerz	Disgust	Gebroken hart	sorg
04	Desmerecer	schmätern	Belittle	Niet beoedelen	förringa
05	Despretensioso	Unprätentiös	Unpretentious	Bescheiden	Opretentiös
06	Desmedido	unermesslich	Unbridled	Misplaatst	omätlig
07	Descomedido	unangemessen	Unscrupulous	---	omåttlig
08	Desprezo	Verachtung	Scorn	Minachtig	Förakt
09	Desaprender	Verlernen	Unlearn	Afleren	Avlära dig
10	Desarrumar	vermasseln	Unpack	Verknoeien	röra till

Diante das variáveis germânicas, é possível percebermos o contraste estrutural entre a maneira como as línguas referidas articulam a negação prefixal. É possível percebermos que o *modus*

como determinados idiomas compreendem o negativo de um conceito X ou Y distingue completamente de outros. Para além da morfologia, semelhantes fenômenos penetram na área da semântica dos referenciados possibilitando diferentes maneiras de se compreender e dimensionar o mundo em que se vive. Por exemplo, *desprezo* em PB é formado aqui pela união do prefixo /des-/ com a palavra *prezo*, que não se encontra nominalizada na língua, mas apenas como flexão verbal de *prezar*. Porém, em inglês, *scorn* não se relaciona morfologicamente com *appreciate*. Isso demarca um terreno amplo para estudos comparativos da psicologia da linguagem partindo das formas mórficas preexistentes.

Por outro viés, relações de negação mais simples e, por isso, claras, podem ser encontradas em estruturas como *niet bezoedelen*, na qual *bezoedelen* significa *merecer* e *niet* ocupa igualmente o papel de negação *lato sensu*.

### **2.3 A (des)construção dos sentidos no sistema linguístico**

Findas as exposições, podemos perceber algumas regularidades e irregularidades processuais no tema em análise.

O primeiro elemento a ser evidenciado é que não há distinção semântica entre /in-/ e /des-/ em determinados sistemas, malgrado isso ocorra no PB. Esse processo fundamenta a noção de relativismo linguístico trabalhada anteriormente, pois revela que determinados

paradigmas semânticos não são universais –incluindo aqui o próprio sentido dos prefixos negativos-.

Em seguida, um outro fato merece destaque: assim como no romeno se empregaram palavras com sentidos opostos não ligadas morfológicamente para expressar a negação, nas línguas germânicas aqui analisadas o mesmo ocorreu. Entre tais fenômenos, há uma construção em especial digna de nota: o termo *Herzschmerz*. Em alemão, *Herz* significa coração e *Schmerz*, dor. Desse modo o próprio conceito de (des)gosto inexistente, pois não há uma negação propriamente dita no termo alemão. Trata-se apenas de um conceito que exprime a ideia de sofrimento aglutinando termos cuja união destaca sua carga semântica. O mesmo acontece com os termos *scorn*, como já foi pontuado, e *sorg* (sueco).

A partir desses pontos em destaque, podemos concluir que a própria negação semântica não ocorre nas línguas. Os conceitos ali expressos se articulam como coisas distintas (A e B), e não como A e Não-A.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto, nos propusemos a analisar a ocorrência e/ou ausência dos prefixos de negação em dois ramos linguísticos distintos. Todavia, percebemos ainda outras articulações sistêmicas dentro dos idiomas em questão. Isso nos levou a perceber diferentes maneiras de compreensão e organização do mundo a partir da língua.

Nossa abordagem se fundamentou na ideia de relativismo linguístico, de modo que nos detivemos sobre a semântica associada à morfologia. Percebemos a grande complexidade imbricada no ato de pesquisar tais temas e, ao mesmo tempo, destacamos a relevância de tais estudos não apenas para a compreensão de idiomas estrangeiros, mas também para uma melhor e mais profunda análise, pela comparação, do próprio português.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMICHELI SAMPAIO, R. LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: A HIPÓTESE DE SAPIR-WHORF. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 56, p. 229–240, 2018. DOI: 10.22456/2236-6385.83356. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/83356>. Acesso em: 30 ago. 2022.

FERREIRA, R. V. ASPECTOS DA MORFOSSINTAXE NOMINAL. **Anais do 5º Encontro do Celsul**, Curitiba-PR, 2003 (1248-1257). Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/27910080/174with-coveragev2.pdf?Expires=1661894053&Signature=gw9z81BDBCGNQRHpy~Yll1~BNyxdDnv69z79T~M100kIdGCQPJYvZt0IfhQtChhDcTodBBZrzW2zh1Ogfo4ErQBcigD~zIw9O8s3EHAAOCR6hqUR2pDpN4Bx3pFo9rGXkQkQyGYWdV6YVgjhgEwHmOOzwcqCeta bDrHXnOAmddRTR4GceO8PZrYgNjrFMs9rmwweHPnE~SXD6jq dT71rLEE8bFUI9yrdShSHqVniY48kqrpZkG4JHrHgQfg2QDx2g~2ql3On5wkbZ7s8f1seGQZvssxseAH~ZRoTC5GQtFB4Z0m6dX~3SqHhgHdOXCzNMdGXm1TBGdmWj4KUQ\\_\\_&KeyPairId=APKAJL OHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/27910080/174with-coveragev2.pdf?Expires=1661894053&Signature=gw9z81BDBCGNQRHpy~Yll1~BNyxdDnv69z79T~M100kIdGCQPJYvZt0IfhQtChhDcTodBBZrzW2zh1Ogfo4ErQBcigD~zIw9O8s3EHAAOCR6hqUR2pDpN4Bx3pFo9rGXkQkQyGYWdV6YVgjhgEwHmOOzwcqCeta bDrHXnOAmddRTR4GceO8PZrYgNjrFMs9rmwweHPnE~SXD6jq dT71rLEE8bFUI9yrdShSHqVniY48kqrpZkG4JHrHgQfg2QDx2g~2ql3On5wkbZ7s8f1seGQZvssxseAH~ZRoTC5GQtFB4Z0m6dX~3SqHhgHdOXCzNMdGXm1TBGdmWj4KUQ__&KeyPairId=APKAJL OHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em 30 de ago. de 2022.

RODRÍGUEZ, A. M. UNIVERSALISMO E RELATIVISMO LINGÜÍSTICO. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/11/02.pdf>. Acesso em: 30 de ago. 2022.

SAUSSURE, **Ferdinand**. **Curso de linguística geral**. 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

SANTOS, A. P. **Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo des- em bases sufixadas e em formações**

**parassintéticas.** (Tese de doutorado). USP, São Paulo. 2016.  
Disponível em:  
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10052016-115122/en.php>. Acesso em: 31 de ago. de 2022

SCHWINDT, L. C. PRODUTIVIDADE, TRANSPARÊNCIA E ESTATUTO PROSÓDICO DE PALAVRAS DERIVADAS POR PREFIXAÇÃO EM PORTUGÊS BRASILEIRO E ESPANHOL PENINSULAR. **Organon**, Porto Alegre, v. 18, n. 36, 2004. DOI: 10.22456/2238-8915.31161. Disponível em:  
<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/31161>.  
Acesso em: 30 ago. 2022.

ZAVAGLIA, C.; MARTINS, S. de C. SIMETRIAS E ASSIMETRIAS NA REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA: O CASO DAS UNIDADES LEXICAIS FORMADAS POR NOMES DE CORES. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 11–30, 2016. DOI: 10.21165/gel.v13i1.602. Disponível em:  
<https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/602>. Acesso em: 30 ago. 2022.

## CAPÍTULO 3

# **PALAVRAS SEM TRADUÇÃO DIRETA: EVIDÊNCIAS DO RELATIVISMO LINGÜÍSTICO EM TRÊS LÍNGUAS MODERNAS**

Ariel Von Ocker

## RESUMO

O presente artigo objetiva analisar um *corpus* de palavras sem tradução direta extraídas de três línguas modernas: espanhol peninsular (EP), português brasileiro (PB) e inglês britânico (IB). Nos baseamos, para tanto, nos trabalhos de múltiplos autores pertencentes à corrente teórica denominada Relativismo Linguístico. Para a realização da investigação, nos valemos da pesquisa bibliográfica. Como resultados a mencionar, destacamos que o levantamento de tal conjunto lexical é um substrato relevante para a análise dentro das pesquisas abordando a já citada corrente de pensamento. Portanto, esse artigo se propõe, também, a ser um subsídio para futuros estudos nessa área de concentração. Além disso, porém, ao cabo da análise, apresentamos uma possibilidade interpretativa para o fenômeno: um resultado preliminar da pesquisa aqui apresentada.

**Palavras-Chave:** Relativismo Linguístico. Linguística Comparada. Léxico.

## 1. INTRODUÇÃO

A noção de que a língua é uma fiel representação semiótica do mundo é, já há muito, uma ideia falida. A mera suposição de uma relação apriorística entre sentido e imagem acústica não se sustenta diante das teses de Saussure (2012). Não obstante, se, por um viés, a relação de indissociabilidade entre sentido e palavra tem sido gradualmente desmontada pelas correntes linguísticas mais modernas; por outro, a importância da cultura na construção dos sentidos tem sido valorizada.

Nesse ínterim, o presente artigo objetiva averiguar a relação entre palavra, sentido e cultura em três línguas modernas: português brasileiro (doravante PB), espanhol peninsular (EP) e inglês britânico (IB). Para tanto, realizamos um levantamento de um *corpus* específico de palavras sem tradução direta do EP e IB ao PB e do PB ao IB e EP.

Percebemos que diversos elementos coadunam para a descontinuidade representacional entre diferentes sistemas linguísticos. Entre elas, é mister destacar a necessidade da nomeação de: distintos hábitos culturais, objetos próprios de uma determinada cultura e/ou região e, finalmente, diferentes percepções da realidade como tal. Sobre o último aspecto nos detemos no presente trabalho, haja visto que esse melhor se enquadra dentro das premissas teóricas do que se nomeou historicamente Relativismo Linguístico.

## 2. O RELATIVISMO LINGUÍSTICO

Edward Sapir (1980, p.165) destaca que “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama de nossas vidas”. Isto é, o mecanismo sistêmico de um idioma não opera de *per se*, senão que subsiste em um meio idiossincrático específico: o que nos leva a concluir que o aparato cultural e a estrutura formal da língua dialogam intimamente.

Cardoso e Budag (2021, p. 101) também salientam que:

ao indivíduo apropriar-se de uma língua que está inserida em uma determinada cultura, esta será responsável por ditar a forma como ele percebe o mundo, e caso não aconteça tal apropriação, o sujeito não se desenvolveria como todos os outros humanos inseridos em uma sociedade com uma identidade cultural. Assim, entende-se que a língua e o pensamento sempre estiveram vinculados, uma vez que, caso não possuíssemos uma linguagem organizada, nossos pensamentos também não o seriam (SAPIR, 1954).

Evidentemente, as ramificações do Relativismo Linguístico são numerosas e, histórica e teoricamente falando, não é possível delimitarmos com exatidão o conceito em questão. Isso porque o Relativismo Linguístico representa o epíteto de muitas correntes de pensamento cujo mote fundamental e norteador é a impossibilidade de cisão da tríade cultura-língua-pensamento.

## 2.1 O estatuto de palavra na composição do sentido

Um dos pontos que cabe ressaltarmos na análise lexicográfica acerca do Relativismo Linguístico é precisamente a delimitação dos limites da palavra e suas múltiplas concepções de sentido.

Nesse sentido, Donadel (2013, p. 42):

na escrita a noção de palavra elabora-se a partir de um aspecto físico: palavra é uma unidade (da escrita) isolada de outras unidades semelhantes por espaços em branco. Essa unidade é constituída por letras que representam sons e que se organizam em sílabas

Assim, Lopes (2012, p. 2366) estabelece que:

a formação de palavras no português brasileiro não é exclusivamente concatenativa. Deste ponto de vista, morfemas são ligados um ao outro em um modelo linear. Como um resultado disto, a geração de novas palavras é realizada através da concatenação de morfemas, por meio da qual um morfema lexical deve combinar com um afixo (prefixação ou sufixação) ou morfemas lexicais devem combinar um com o outro (composição).

Ainda seguindo pela presente abordagem, é preciso enfatizar que a palavra fonológica e a palavra morfológica ocupam diferentes espaços dentro da língua e que, sem aprofundarmo-nos pela fonética, o presente trabalho versa sobre a palavra enquanto entidade morfológica da língua.

## 2.2 EXPOSIÇÃO DE *CORPUS*

Para o desenvolvimento do presente trabalho, levantamos

um *corpus* de palavras que não possuem tradução direta ao português dentro do espanhol standard e do inglês britânico. Cabe destacar que tais palavras não representam conceitos presentes na língua portuguesa, mas sim ideias circunscritas a seus próprios *éthos*. Ou seja, não basta que nos detenhamos com distintos estatutos de formação de palavras, como se faz em um trabalho de análise de línguas polissintéticas e aglutinantes. Não se trata de comparação de falsos cognatos nem tampouco de simples codificações de distintas estruturas cuja representação é a mesma. Tratam-se de descontinuidades no paralelismo linguístico: o que fundamenta e alicerça a perspectiva de que não só a cultura, mas também a organização mórfica das palavras corrobora para a diferenciação sistêmica das línguas.

## **2.2.0 Espanhol**

Sobremesa

Merendar

## **2.2.1 Inglês**

Brunch

To own

To propose

To afford

To text

E-mail (verbo)

Wink

Bink

Hater

Outplay

Siblings

To chat

Scanner

WhatsApp

### **2.2.2 Português**

Saudade

Malandro/ malandragem

## **2.3 As Distinções De Natureza**

Diante do *corpus* levantado, foi possível percebermos uma questão norteadora, a saber: houveram três tipos de distinções presentes na distribuição das palavras.

A primeira –e mais evidente- diferenciou as palavras a partir do nome dos objetos que representavam. Isto é, não havendo um correspondente intercambiável para o mesmo objeto, mantiveram-se as palavras que os designavam em suas línguas originais. Sobretudo, isso ocorre com o inglês em palavras como *WhatsApp* e *scanner*. Nesses casos, os objetos aos quais as palavras se referem existem no mundo concreto. Portanto, apenas a nomenclatura está em jogo na assimilação das palavras. Essas, na verdade, não raro passam por um processo de apropriação muito evidente, assumindo, inclusive, traços fonéticos particulares da língua que a assimila. Nesse caso, nos referimos ao português brasileiro.

A segunda classe de palavras se distinguia por nomear ações ou eventos percebidos de um modo distinto ou inominadas no PB. Por exemplo: *sobremesa* e *merendar* em espanhol se referiam especificamente à conversa pós refeição e à ação de comer um lanche leve ao fim da tarde. As palavras inglesas *brunch*, *wink*, *bink*, *to own*, *to e-mail*, *to text*, *to propose*, *to afford* e *to chat* se enquadraram no mesmo lugar.

Enfim, a terceira classe se refere às distinções formadas a partir da construção de conceitos (acerca de sentimentos ou percepções específicas de elementos concretos) ausentes em outras línguas. Aqui se enquadraram as palavras *siblings* do inglês e as palavras *saudade* e *malandro* (malandragem) do português.

Evidentemente, nesse primeiro momento, nos detemos sobre a nomeação de conceitos. Ou seja, percebemos distinções estruturais na compreensão dos objetos do mundo, tal que, embora possamos expressar o seu sentido valendo-nos de um outro sistema linguístico, a clareza, a lógica interna de compreensão e a naturalidade da emergência de semelhante conceito dentro de um organismo específico e, por isso mesmo, seu sentido geral não será o mesmo. Isso porque, conforme nos amparam os estudos de Cardoso e Budag (2021), Cunha (2011), Sapir (1980 e 1954), Rodríguez (2007) e Zavaglia e Martins (2016), a língua e a cultura possuem uma relação intrínseca e indissociável.

Entrementes, tal relação é de tal grau de indissociabilidade que Whorf (1956, p. 239) considera que:

A afirmação de que “o pensamento é uma questão de linguagem” é uma generalização incorrecta da seguinte ideia, que estaria mais próxima da correcção: “o pensamento é uma questão das diferentes línguas.

No entanto, mais do que apenas uma relação cultural e semântica, Humboldt (1972) enfatiza o papel da palavra na construção do discurso. Para o filósofo, na realidade, as formas lexicais são as responsáveis pela representação (ao nosso ver, pela criação) do pensamento abstrato. Assim sendo, a gramática apenas teria por função conferir organização e coerência ao discurso.

## 2.4 O problema do nome e do objeto

Diante da observação do *corpus* levantado, nos deparamos com dois problemas teóricos:

1) O nome, ainda que a partir de uma lógica arbitrária de associação, representa o objeto ou o cria no seio social? Ou seja, o objeto existe por si mesmo e, portanto, a palavra apenas busca inserir sua existência em um universo semiológico específico? Nesse processo, ela o representa ou o translitera a um novo conceito relacionado a ela? Ou a um terceiro conceito sem relação com a primeira?

2) É possível experimentar de igual maneira uma experiência não-nominalizada e uma experiência nominalizada? Isto é, possuir ou não um nome que defina o objeto afeta o modo com experimentamos o contato com ele?

*A priori*, Saussure (2012) enfatiza que a relação entre conceito e imagem acústica é arbitrária. Assim, não poderíamos considerar que haja propriamente (senão em casos bastante específicos) uma relação associativa entre palavra e objeto.

Sem embargo, também é possível percebermos que a relação interna estabelecida pelas normas linguísticas constrói uma estrutura autodeterminativa. Ou seja: embora não haja um fundamento apriorístico para que as relações sintagmáticas sejam tal qual o são, uma vez que elas o são, o que surge a partir delas

segue as mesmas regras daquelas que o geraram. Portanto, se a relação estabelecida entre as bases lexicais de uma língua (seja ela PB, IB, EP ou qualquer outra) são arbitrárias, não há razão para deduzirmos que a representação do objeto dentro da estrutura sígnica da língua seja fiel em alguma medida. Assim, também, não é possível dizermos que a inserção do objeto dentro daquele sistema seja integral.

O que deduzimos com o dito acima é, em linhas gerais, que: a palavra não apenas não representa o objeto, como também, por estabelecer-se em um universo arbitrário e cuja carga evolutiva justapõe diversos construtos igualmente desprovidos de fundamento associativo –que não o próprio legado da evolução das línguas- como também, por isso mesmo, acaba por criar um novo objeto. Esse, ao ser (re)produzido na língua, constrói e performa diferentes acepções para a “mesma coisa”. Na realidade, no entanto, se falamos de uma forma múltiplas vezes reinventada em sistemas cujo *status* evolutivo muda permanentemente, nem mesmo é possível afirmarmos com certeza que haja um sentido amplamente compartilhado do mesmo objeto. Isso porque a integralidade do conceito nunca é partilhada. Logo, o que é partilhado, se tratamos a definição de conceito como o conjunto de características componentes do objeto, pode, para um sujeito não ter nenhum vínculo com o que é partilhado por outro.

Supondo que a soma ordenada de elementos constitua a integralidade do sentido, o diagrama abaixo ilustra as múltiplas acepções que podem ser assimiladas pelos falantes:

$[X+Y+Z+A+B++D+I+J+K+L+M+N+O+P+Q]=$  Sentido Integral de I

Nesse sistema, apenas a soma ordenada dos fatores culminará em [I]. no entanto, é possível a assimilação de sentidos tais que:

Sentido A:  $[X+Y+A+D+J]$

Sentido B:  $\{Z+B+K+M+N\}$

Nesse conjunto, A e B se valem dos mesmos elementos composicionais de [I]. No entanto, embora a soma siga a mesma ordem, o resultado é distinto.

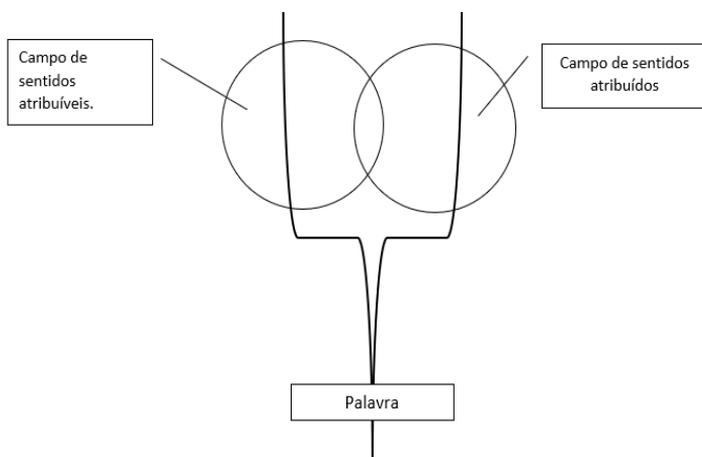
Em suma, diante dos dados até o presente percebidos, conclui-se que a resposta para a primeira questão é que a palavra, em sua relação com o objeto que nomeia, não o representa. Ao contrário; ela cria uma outra figura e isso varia de língua para língua.

Em relação à segunda pergunta, é preciso partirmos de uma pergunta anterior: o sentido está na palavra ou a palavra se vale de um sentido abstrato (que não é o objeto)?

Considerando as correntes linguísticas pós-Virada e baseando-nos em Pêcheux (2002) Planque (2010), Orlandi (2006) é

perceptível que a tese de Humboldt não se sustenta integralmente. Ou seja, não há como se desconsiderar o papel fundante do contexto na construção do sentido. Isto é, o sentido não está integralmente na palavra como algo fechado. Ela se vale de um sentido abstrato.

Contudo, a abstração completa também não é suficiente para explicar fenômenos como o emprego de uma palavra com sentido de outra existindo compreensão mútua. Assim, voltamos ao diagrama para assinalar que a palavra possui um sentido atribuído e outro atribuível. Por exemplo: saudade costuma se referir ao sentimento de melancolia causado pela falta de alguém. No entanto, não raro, saudade é usado também para nos referirmos a situações passadas, como em: “Saudade da minha infância! “. Porém, mesmo diante da pluralidade de possibilidades atributivas, há limites, pois, “saudade” sempre virá atrelada à melancolia provocada pela falta de algo/alguém. Vide o modelo abaixo:



Tendo em vista o observado, concluímos que, embora o sentido não esteja na palavra, ela carrega uma carga atributiva específica de sentidos mais ou menos estáveis dentro de seu contexto.

Dito isso, a experiência da nomeação do inominado se apresenta como, antes de mais nada, sua transliteração a um contexto e, por conseguinte, sua atribuição de sentidos específicos dentro desse sistema.

Conclui-se, portanto, que a experiência nominalizada e não-nominalizada não é igual. Quanto à natureza de tais experiências a nível valorativo, ainda não temos recursos suficientes para realizarmos considerações.

Em relação às palavras advindas de distintos “mundos linguísticos” levadas a outras realidades, sua assimilação não parece significar, ainda que a um falante fluente da língua, uma percepção integral do conceito em questão. Isso porque o primeiro já provém de um contexto linguístico formado e se vê como herdeiro de todo um legado semântico pré-atribuído, cuja influência é indiscutível. O conhecimento, pois, das formas estrangeiras, é racionalizado. Não intuitivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou descrever, de modo geral, as acepções mais aceitas acerca do que é a corrente teórica nomeada Relativismo Linguístico. Ao mesmo tempo, questionamos o papel do estatuto de palavra na construção do sentido tanto a nível estrutural quanto discursivo.

Partindo dos referidos pressupostos teóricos, nos detivemos sobre a análise do *corpus* lexical levantado dentro do PB, do EP e do IB. Para essa análise, foram levantados dados de palavras sem tradução direta entre os sistemas. Percebemos que os motivos de tal fenômeno são distintos a depender da palavra. Assim, as classificamos em três classes distintas.

Nesse ínterim, apenas as palavras referentes a distinções estruturais e/ou culturais entre organizações linguístico-sociais foram destacadas para a análise a partir da óptica do relativismo. Essas, na verdade, evidenciaram que distintas línguas ensejam diferentes compreensões do mundo: algo que se plasma na própria arquitetura do idioma.

Diante do apresentado, nos detivemos sobre as dificuldades balizadas pela alcunha Problema do Nome e do Objeto. Essa observação nos possibilitou concluir que o mecanismo da língua é criativo de realidade, ao mesmo tempo em que, sendo o sentido

criado e não representado, passível de múltiplas acepções concorrentes.

Esse tópico, finalmente, encerrou nosso estudo a partir da hipótese levantada; a saber: que o sentido das palavras obedece a um substrato estanque, porém no qual se intersecta um outro, o dos sentidos atribuíveis àquela unidade criativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Eduardo Nascimento & BUDAG, Fernanda Elouise. Relativismo Linguístico: Como a língua pode mudar nossos pensamentos. **Revista da Graduação da Faculdade Paulus de Comunicação -FAPCOMANO 07, VOL. 14, 2021**. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/477/435>. Acesso em: 21 de out. de 2022.

CUNHA, A. P. Contrastando Sapir (d)e Whorf na 'Hipótese Sapir-Whorf. **Revista do SETA. v. 5 (2011): XVI Seminário de Teses em Andamento**. Campinas, 2011. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1279>. Acesso em: 31 de out. de 2022.

DONADEL, G. **As palavras dentro da palavra : segmentações não convencionais na escrita de estudantes do ensino médio e sua relação com o estatuto de palavra**. Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre. 2013.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. **Sobre el Origen de las Formas Gramaticales y Sobre su Influencia en el Desarrollo de las Ideas- Carta a M. Abel Rémusant Sobre la Naturaleza de las Formas Gramaticales en General y Sobre el Genio de la Lengua China en Particular**. Barcelona; Anagrama, 1972. Tradução de Carmen Artal.

LOPES, Sofia Martins Moreira. **O ESTATUTO DA PALAVRA PROSÓDICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**. Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_3/201.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/201.pdf).

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento - As formas do discurso** . 1a. edição: 1983, Ed. Brasiliense.

PÊCHEUX, M. **O DISCURSO: ESTRUTURA OU ACONTECIMENTO**. São Paulo, 5º ed. Pontes. 2002.

PLANQUE, A. K. **Noção de "Fórmula" em Análise do Discurso. Quadro Teórico e Metodológico.** São Paulo, Parábola. 2010.

RODRÍGUEZ, A. M. UNIVERSALISMO E RELATIVISMO LINGÜÍSTICO. **Revista Philologus.** Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/11/02.pdf>. Acesso em: 26 de out. de 2022.

SAPIR, Edward. **A linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1980

SAPIR, Edward. **A Linguagem: Introdução ao estudo da fala.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1954.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo, Cultrix. 2012.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, thought, and reality.** Cambridge, Mass.: MIT Press. 30ª Ed., 1978.

ZAVAGLIA, C.; MARTINS, S. de C. SIMETRIAS E ASSIMETRIAS NA REPRESENTAÇÃO LINGÜÍSTICA: O CASO DAS UNIDADES LEXICAIS FORMADAS POR NOMES DE CORES. **Revista do GEL,** [S. l.], v. 13, n. 1, p. 11–30, 2016. DOI: 10.21165/gel.v13i1.602. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/602>. Acesso em: 04 nov. 2022.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abordagem, 30  
Abstrato, 51  
Acepções, 57  
Acervo, 29  
Acontece, 39  
Acústica, 45  
Alemão, 39  
Alunado, 21  
Analisa, 14, 27  
Analisar, 29  
Análise, 16, 30  
Animado, 32  
Antropólogo, 31  
Aparato, 30, 46  
Appreciate, 29  
Apreço, 29  
Aprende, 16  
Aprendizado, 15, 16, 19  
Apresentados, 14  
Apriorística, 45  
Aprofundar, 23  
Apropriação, 14  
Aproprie, 21  
Arbitrária, 52  
Arcabouço, 28  
Arquipélago, 17  
Arquitetura, 57

Articulações, 40  
Artigo, 32  
Associado, 23  
Astros', 31  
Aula, 15  
Ausência, 29

### B

Binária, 28  
Bink, 49  
Brasil, 14  
Brasileira, 15  
Brasileiro, 17  
Brunch, 48  
Busca, 21

### C

Cabo, 23  
Calcados, 17  
Caóticas, 16  
Caranguejo, 21  
Carga, 23  
Castelhana, 21  
Cenários, 14, 23  
Cenários De Ocorrência, 14  
Classe, 15  
Classes, 32  
Códigos, 21  
Coerência, 51

Combinações, 16  
Combinatórias, 16  
Comparação, 23  
Comparativa, 27, 28  
Compartilhados, 17, 21  
Complexidade, 40  
Complexo, 15  
Compõem, 15  
Composição, 29  
Compreensão, 16, 28  
Comum, 15  
Comunicação, 15  
Comunidade, 21  
Concluir, 39  
Concreto, 32  
Conferir, 51  
Conhecimento, 19, 23  
Conhecimentos, 14  
Considerar, 17  
Consoantes, 18  
Constituiu, 23  
Construção, 29  
Construções, 29  
Contato, 28  
Contemporâneo, 28  
Contexto, 14, 22  
Corpus, 28  
Correcção, 51  
Correspondências, 29  
Criativa, 58  
Crítica, 28  
Cultural, 30  
Curso, 16

## D

Deparará, 18  
Descontinuidade, 28, 29, 45  
Descrever, 57  
Descritivos, 14  
Desenvolvimento, 28  
Designavam, 50  
Desmontada, 45  
Desprezo, 29, 38  
Determina, 30  
Diacrônica, 21  
Diacronicamente, 24  
Dialogam, 46  
Diálogo, 24  
Didaticamente, 20  
Diferenças, 28  
Dificuldades, 30  
Dimensão, 30  
Dirigiremos, 16  
Discurso, 51  
Distanciamento, 14  
Distinção, 14, 23  
Distintas, 39  
Distintos, 22, 28, 57  
Divergências, 31  
Diversos, 14  
Divisões, 32  
Docente, 16  
Docentes, 17

## E

Elaborados, 29  
Eleição, 17  
Elementos, 23

E-Mail, 49  
Embargo, 28  
Emergência, 23  
Empregada, 14  
Ensaio, 14  
Ensinada, 15  
Ensino, 17, 23  
Ensino De Ple, 14  
Enunciados, 22  
Envolvem, 23  
Epêntese, 14, 18, 20, 23  
Epêntese, 14  
Escrita, 18  
Espanhol, 15  
Específico, 46  
Estáveis, 56  
Estrangeira, 15, 18, 23  
Estrangeiras, 17  
Estrangeiro, 21  
Estrangeiros, 16  
Estreito, 23  
Estrutural, 29, 37  
Estruturas, 27  
Estudante, 16  
Estudo, 28  
Éthos, 48  
Etnográfico, 31  
Europeu, 22  
Evidenciado, 38  
Evidente, 28  
Evolutivas, 21  
Evolutivo, 21, 28  
Exercício, 29  
Exprime, 39

Extraterritorial, 23

## **F**

Facilitada, 15  
Faculdade, 16  
Facultar, 28  
Falada, 17  
Falida, 45  
Familiaridade, 21  
Fator, 14, 21  
Fatores, 16, 31  
Femininos, 31  
Fenômeno, 14, 21  
Fiel, 45  
Filosófica, 31  
Fonética, 47  
Fonéticos, 50  
Fonológico, 28

## **G**

Gênero, 31  
Germânicas, 27, 28, 37  
Gradualmente, 45  
Gramática, 51  
Grau, 51

## **H**

Hater, 49  
Herdado, 46  
Historicamente, 21  
Histórico, 14  
Humana, 16  
Humano, 32

## I

Ibéricas, 14  
Ideia, 45  
Identidade, 46  
Idioma, 15  
Idiosincrasia, 23  
Idiosincrasias, 30  
Idiosincrático, 46  
Imbricada, 40  
Importância, 14, 21, 45  
Impossibilidade, 46  
Indissociabilidade, 45, 51  
Indivíduos, 16  
Inerentes, 29  
Inexiste, 39  
Influência, 16, 21  
Inglês, 15  
Inserção, 14  
Insere, 28  
Insuficiente, 28  
Internalizadas, 19  
Intersecta, 58  
Intimamente, 29, 46  
Investimento, 28  
Irregularidades, 38

## J

Jogo, 31, 50

## L

L2, 15  
Letras, 18  
Levantamento, 28  
Lexicais, 21

Lexical, 23  
Léxico, 29  
Léxico, 44  
Língua, 15  
Língua Castelhana, 23  
Línguas, 14, 16  
Línguas Ibéricas, 23  
Linguística, 30  
Linguística, 44  
Lingüística, 31  
Linguísticas, 45  
Linguístico, 14, 15  
Linguístico, 27  
Linguísticos, 45  
Literatura, 14  
Lua, 31  
Lugar, 23  
Luminosidade, 31  
Lusófona, 29

## M

Malandragem, 49  
Malandro, 49  
Malgrado, 38  
Masculinos, 31  
Mecanismo, 15  
Merecer, 38  
Merendar, 48  
Metodologia, 14  
Métrica, 35  
Migrações, 16  
Modelo, 55  
Modernas, 45  
Modus, 37

Morfofonologia, 32  
Morfofonológicas, 21  
Morfologia, 38  
Morfologia, 27  
Morfológica, 29, 47  
Morfológico, 28  
Mostra, 15  
Mudas, 18

## **N**

Narrativas, 31  
Nativa, 15  
Necessidade, 14, 27, 45  
Negação, 27  
Nível, 28  
Noção, 38  
Nomeação, 45  
Nomeado, 17  
Nomenclatura, 50  
Nominalizada, 52

## **O**

Objeto, 53  
Observação, 15  
Observar, 20  
Ocorrência, 14, 29, 40  
Oferece, 16  
Oferecer, 21  
Operacional, 17  
Opõe, 17, 28  
Oposição, 28, 31  
Organização, 51  
Organizada, 46  
Origem, 21

Origens, 16  
Outplay, 49

## **P**

Padrão, 18  
Padrões, 23  
País, 15  
Palavra, 29, 45  
Palavras, 29  
Papel, 51  
Papi, 32  
Paradigmas, 32  
Parentesco, 31  
Partilhado, 53  
Partir, 27  
Patamar, 30  
Peculiar, 14  
Pedagogicamente, 15  
Pedagógico, 16  
Peninsular, 28, 45  
Pensamento, 51  
Pensar, 30  
Permite, 21  
Perspectiva, 28  
Pesquisa, 28  
Pesquisador, 28  
Pesquisas, 28  
Pessoa, 15  
Ple, 14  
Pluralidade, 16, 27  
Pontuado, 39  
Português, 14  
Portuguesa, 21  
Possibilidade, 15

Possibilidades, 16  
Povos, 31  
Prefixal, 27  
Prefixo, 32  
Prefixos, 29  
Prefixos De Negação, 27  
Primeiro, 28  
Priori, 52  
Problemáticas, 23  
Produção, 22  
Proeminência, 21  
Professor, 18, 32  
Professora, 15  
Proficiência, 16  
Promover, 21  
Pronome, 15  
Pronúncia, 18, 21  
Propícios, 14  
Propusemos, 23  
Próxima, 51  
Publicado, 31  
Público, 15, 16

## Q

Questão, 17

## R

Racionalidade, 31  
Ramificações, 46  
Ratifica, 32  
Razão, 28, 53  
Realizada, 28  
Realizar, 28  
Regras, 14

Relação, 45  
Relatividade, 32  
Relativismo, 38, 57  
Relativismo, 27, 44  
Relativismo Linguístico, 31  
Relevância, 40  
Representacional, 45  
Representatividade, 18  
Respectivas, 30  
Revisão, 14  
Romances, 27

## S

Saudade, 49  
Scanner, 49  
Seio, 52  
Semântica, 32, 38  
Semântica, 27  
Semântico, 28  
Semânticos, 39  
Semiótica, 45  
Sexo, 31  
Siblings, 49  
Significativa, 28  
Silábicos, 19, 23  
Similitudes, 21, 28  
Sincrônica, 24  
Sintático, 28  
Sintaxe, 32  
Sistemas, 28  
Sobremesa, 48  
Sociedade, 30  
Sociedades, 31  
Sol, 31

Sorg, 39  
Standard, 48  
Subsídios, 17  
Sujeito, 17  
Sujeitos, 15  
Suposição, 45  
Sustenta, 45

## **T**

Temporal, 32  
Teórica, 57  
Teórico, 28  
Teóricos, 52  
Termos, 29  
To Afford, 49  
To Chat, 49  
To Own, 48  
To Propose, 48  
To Text, 49  
Trabalhadas, 19  
Traço, 14  
Traduzir, 29  
Turmas, 16

## **U**

União, 39  
Unidimensional, 17  
Uniformes, 27  
Urgência, 22  
Utilização, 23

## **V**

Valorizada, 45  
Verbo, 49  
Viés, 45  
Vive, 38  
Vocálica, 14, 23  
Vocálica, 14  
Vocálica, 13  
Vocálico, 18  
Vogal, 18

## **W**

Whatsapp, 49  
Wink, 49

ISBN: 978-65-84809-52-9

700



9 786584 809529